

A ÉTICA DO DESEJO: DESILUSÃO E REENCANTO EM *POR ENQUANTO... OUTRA ESTAÇÃO*

THE ETHICS OF DESIRE: DISAPPOINTMENT AND REENCHANTMENT IN *POR ENQUANTO... OUTRA ESTAÇÃO*

Itamar Mateus Muniz de Melo¹

resumo

A ideia de contemporaneidade tem como maior característica o rompimento com os tradicionalismos do mundo antigo ainda vigentes na era moderna. Kant, alimentando a transição do ponto de vista filosófico, ao falar sobre uma noção de ética baseada na autonomia do sujeito, rasura a cosmovisão natural e a ideia teológica de ética. A obra *Por enquanto... outra estação* (PÁDUA, 2014) traz esse tema à tona, com um protagonista buscando maneiras de sobreviver desiludido com o mundo tradicionalista, encontrando-se apenas nos seus desejos e afetos. Este artigo objetiva, portanto, entender como o velho da obra *Por enquanto... outra estação* vive o processo de desilusão com os valores tradicionais e reencontra-se no despir desses valores, assumindo sua sexualidade, afetos e desejos, constituindo um novo modo de viver de modo autônomo. A égide conceitual deste ensaio advém de Kant (2007), Butler (2017) Freud (2020), Lacan (1998), Foucault (2014), (Ferry (2009) e Silva (2016; 2014). Das conclusões obtidas com a discussão empreendida, destaca-se o fato de a obra possibilitar o pensamento de uma ética baseada no desejo, cujas características são a racionalidade, individualidade e é construída a partir de uma desilusão com os mecanismos moduladores de comportamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Desejo. Literatura contemporânea.

¹ Graduado em Letras Português, mestrando em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: itarmatt10@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0770-3951>.

abstract

The main characteristic of the idea of contemporaneity is the break with the traditionalisms of the ancient world still in force in the modern era. Kant, feeding the transition from a philosophical point of view, when talking about a notion of ethics based on the autonomy of the subject, erases the natural worldview and the theological idea of ethics. *Por enquanto... outra estação* (PÁDUA, 2014) brings this theme to the fore, with a protagonist looking for ways to survive disillusioned with the world, finding himself only in his desires and affections. This article aims, therefore, to understand how the old man of the work *For now ... another season* lives the process of disillusionment with traditional values and finds itself in the undressing of these values, assuming their sexuality, affections and desires, constituting a new way of live autonomously. The conceptual scope of this essay comes from Kant (2007), Butler (2017), Freud (2020), Lacan (1998), Foucault (2014), (Ferry (2009) and Silva (2016; 2014). From the conclusions obtained from the discussion undertaken, the fact that the work enables the thought of an ethic based on desire, whose characteristics are rationality, individuality and is built from a disillusionment with the behavior modulating mechanisms.

KEYWORDS: Ethics. Desire. Contemporary literature.

considerações iniciais

Qual a substância da literatura? Como poderíamos dividir as partes que a compõe? A literatura parte, principalmente, de instâncias linguísticas, sociais e filosóficas para constituir suas representações, criando a estética, temática e a substância do texto literário. A literatura contemporânea, entretanto, transformou os modos de fazer a arte literária até então conhecidos, em todos os sentidos. Em primeiro lugar, no que concerne à linguagem e às formas, percebe-se uma mudança nos gêneros, com a utilização de diversas instâncias de linguagem, sejam elas seguindo a norma culta ou não. Com relação ao meio social, observamos a representação de classes e sujeitos antes colocados à margem da instituição chamada literatura, ocupando, agora, espaço privilegiado no palco da arte da linguagem. Por fim, tomando como base o ponto de vista filosófico, pensando na literatura produzida atualmente, é possível afirmar que lemos obras cujos principais valores margeiam vertentes niilistas. Mesmo sucinta, essa apresentação condensa as colocações de Bonicci (2005), Hutcheon (1991) sobre a literatura contemporânea.

Desde o berço da civilização no ocidente com os textos de Pultrarco, Hesíodo e Homero mostrando como deveriam se constituir as virtudes de um homem até os dias atuais, essa literatura que vem se transformando e a filosofia sempre caminharam juntas numa relação

simbiótica, construindo a ideia de *espírito de época*². Atualmente essas irmãs constituem e se nutrem de um delineamento social descrito precisamente por Bauman (1998):

No mundo moderno, notoriamente instável e constante apenas na sua hostilidade a qualquer coisa constante, a tentação de interromper o movimento de conduzir a perpétua mudança de uma pausa, de instalar uma ordem segura contra todos os desafios futuros, torna-se esmagadora e irresistível. (p. 21)

Para o sociólogo, a ideia da instabilidade contra tudo o que é estável é a mais forte tendência do mundo atual. Não há mais uma base de dogmas ou valores e, se ainda existe, serve de energia para esse "movimento de conduzir perpétua mudança". A literatura incorpora esses ideais e nos traz obras questionando tudo o que há de mais sagrado para os tradicionalismos. Um dos principais pontos levantados por essa literatura contemporânea, do ponto de vista filosófico, é a problematização do que é ser moral ou ético.

O pensamento kantiano, nesse sentido, é um dos mais importantes para compreendermos essas raízes do mundo atual. A noção de ética baseava-se, até o filósofo, nas visões cosmológica e teológica, oriundas dos gregos e do cristianismo, respectivamente, mas, a partir do século XVIII, temos uma base para pensar uma ética que questiona as anteriores e que não busca fora do ser sua essência, colocando o sujeito numa posição de autonomia. Essa ética consistia, basicamente, no uso da razão, não mais na vontade divina ou no agir conforme a natureza para nortear as ações humanas:

Se a razão determina infalivelmente a vontade, as ações de um tal ser, que são conhecidas como objectivamente necessárias, são também subjectivamente necessárias, isto é, a vontade é a faculdade de escolher só aquilo que a razão, independentemente da inclinação, reconhece como praticamente necessário, quer dizer como bom. (KANT, 2007, p. 47)

A ideia de sujeito autônomo é fruto desse pensamento no qual as ações devem ser determinadas pela razão. As vontades humanas, portanto, não devem sucumbir aos impulsos naturais, aos desejos, nem vir de outra fonte senão a racionalidade, do contrário, elas não são necessárias nem objectivamente, nem subjectivamente. Além de usar a razão, deve-se agir de acordo com a universalidade dos feitos: "Age como se a tua máxima devesse servir ao mesmo tempo de lei universal (de todos os seres racionais)" (KANT, 2007, p. 82), ou seja, o que faço deve ser bom não apenas para mim, mas para todos, só assim as ações são necessárias.

Embora Kant faça essa renovação nos modos de pensar a ética no que concerne à metafísica, a macroestrutura social ainda seguia os dogmas de uma sociedade baseada no patriarcalismo,

2 Entendemos por espírito de época as ideias sociais, artísticas, filosóficas, políticas e culturais que fazem parte de uma conjuntura de um determinado momento da história.

em outras palavras, essa autonomia ainda ficava presa ao molde de estruturação do patriarcado³, a autonomia, então, era limitada. Quem nos aponta para essa falsa autonomia do ponto de vista social é Foucault (2014), o filósofo discute sobre a coerção que as instituições de poder exercem nos sujeitos, tanto determinando o agir, quanto impossibilitando um discurso puro e sem influências.

Com a chegada da contemporaneidade esse cenário passou por mudanças, sabe-se que o sujeito não é totalmente autônomo, embora o patriarcado tenha enfraquecido e a sociedade, conforme Nolasco (1997), perdeu suas bases anteriores, pairando sobre um vácuo moral cujos valores são correntes de pensamento derivadas no niilismo, como o individualismo e o hedonismo.

A literatura contemporânea, então, tanto alimentou quanto se nutriu desse sintoma da sociedade, problematizando temas antes silenciados. Uma dessas questões, que fazem referência à discussão empreendida aqui, são as novas representações de masculinidades. O protagonista ou personagem trazido na literatura, até a chegada da modernidade e contemporaneidade, corroborava o ideal de homem de verdade, conceito pensado por Nolasco (1997) para referir-se ao homem nos moldes do patriarcado, Melo (2019, p. 10) diz que "quando se fala em 'homem de verdade', está no inconsciente coletivo um sujeito virtuoso, viril e hétero, dentro dos moldes da tríade entre o sexo biológico, gênero e sexualidade". Esse molde de masculinidade perdeu força nos textos da literatura contemporânea, na medida em que o homem, com o enfraquecimento do patriarcado, estava autorizado a viver experiências antes restritas para si. Ora, mas o que isso tem a ver com o tema da ética? Uma ética que se pretenda autônoma não poderia ser, caso houvesse tantas restrições ao sujeito masculino ou se seus modos de viver fossem, como problematiza Foucault (2014), moldados pelas instituições de poder alicerçadas nos ideais patriarcais para o homem.

A obra apreciada neste artigo, *Por enquanto... Outra Estação* (PÁDUA, 2014), parece rasurar os discursos das instituições de poder normatizadoras das condutas dos indivíduos. Elucidando esse apontamento, observemos os acontecimentos da narrativa na qual a visão dos tradicionalismos para as masculinidades entra em colapso quando colocada frente ao *modus operandi* da vida do protagonista, conhecido apenas como velho. As lembranças narradas nos capítulos do livro são suas experiências extraconjugais com outros homens, até encontrar seu grande amor, Moisés. Ele foi um homem casado com uma mulher, mas tinha sua homossexualidade velada

3 Entendemos o patriarcado na perspectiva de Silva (2007), que o descreve da seguinte forma: "a) o pai como a Ordem, b) a mãe como o Outro da Ordem e submissa a esta, c) o filho homem (que deveria ser o primogênito) substituindo e reforçando a Ordem paterna, inclusive tendo sob controle a mãe e os irmãos menores, uma vez que herda simbolicamente a ideia de único herdeiro dos bens paternos, d) a virilidade para o homem e a "prenhez" para a mulher, e) a relação sexual de base exclusivamente heterossexual, f) as relações interpessoais acontecendo prioritariamente entre o grupo étnico branco, g) o poder religioso atribuído unicamente ao catolicismo, h) a luta pela honra e pela virtude." (SILVA, 2007, p. 11).

durante anos, encontrando modos de sobreviver a sua maneira, negando e maldizendo todos os valores, escolhas e condicionamentos que o prendiam àquela situação de uma vida de desencontro e desilusão consigo e com o mundo. Contudo, há uma nova perspectiva para o velho, um novo horizonte se abre no momento em que ele decide viver seus desejos, deixando todas as amarras de lado. Então, o tema da ética aparece de maneira diferente com esse protagonista que nega a tudo para viver seus desejos. Assumindo, assim, seu lugar como um representante das masculinidades contemporâneas, conflituosas, que buscam novos modos de ser e de estar no mundo enfrentando a chamada crise da masculinidade.

Partindo desses apontamentos, seria possível pensar uma ética racional, mas baseada nos desejos e cujas raízes estão fincadas nos valores contemporâneos? Esta é a problemática que move este artigo. Supomos que seja possível pensar essa ética, a princípio paradoxal pela relação entre razão e desejo, a partir da obra estudada. A tese que alicerça essa colocação é a de que há um caráter racional, mas essa razão serve, na obra, para entender como funcionam os mecanismos sociais que moldam os comportamentos dos sujeitos. A racionalidade, dessa forma, parece ter a função de construir um novo *modus operandi* de vida, rasurando os valores do patriarcado para o homem. O objetivo, portanto, é entender como o velho da obra de Pádua (2014) vive o processo de desilusão com os valores tradicionais e reencanta-se no despir dos tradicionalismos e pudor, assumindo sua sexualidade, afetos e desejos, constituindo sua ética fora da dinâmica proposta por uma masculinidade pré-definida, algo que o romance parece permitir pensar.

O assento conceitual desse artigo advém de Kant (2007) com sua obra *A metafísica dos costumes*, na qual o filósofo discute a ideia de uma ética baseada na autonomia do sujeito. Freud (2020), com seu texto *Além do princípio do prazer*, para problematizar a ideia do desejo. Lacan (1998) com *Kant e Sade*, para alicerçar a ideia de que é possível pensar uma ética a partir do desejo. Além desses, nos apoiaremos nas ideias de Foucault (2014) e Butler (2015), que discutem a relação entre sujeito e instituições de poder. Os estudos de Ferry (2009) e Silva (2017; 2015) também foram usados para auxiliar no pensamento de uma nova ética. Por fim, as contribuições para entendermos o meio social de produção da obra e problematização deste protagonista serão postas por Cuschnir e Mardegan Jr (2001) e Nolasco (1997).

A relevância desse artigo se dá pela possibilidade de abertura de uma nova vertente dos estudos entre a filosofia e a literatura contemporânea. O ponto aqui discutido poderia ser tomado apenas como um individualismo ou hedonismo em uma leitura da obra superficial, mas a partir do momento em que, no âmago das condutas do protagonista, há uma unidade e um novo *modus operandi* de inserção no mundo, diante de valores e regras sociais, pode-se lançar luzes à possibilidade de uma ética baseada nos desejos. Dito isso, podemos apontar também para a importância nas questões de gênero, porque há uma masculinidade colocada como

vanguardista de um conceito que rompe com os tradicionalismos instituído para os homens, ou seja, há um cenário de mudanças.

O caminho metodológico deste artigo dar-se-á da seguinte forma: na primeira parte, intitulada desilusão, problematizaremos tanto como os comportamentos do velho não confluem com a ideia de uma ética universalista, quanto há um uso da razão para entender os mecanismos de tolhimento comportamental. Na segunda, será discutido o seu reencanto a partir do estabelecimento da sua ética baseada nos desejos. Por fim, são tecidas algumas considerações e ressalvas sobre a noção de ética possibilitada através da obra.

pensando a ética do desejo pela desilusão e reencanto

desilusão

Pensemos, inicialmente, no assento teórico que delinea a discussão empreendida. A ética, para Kant, segundo Ferry (2009), tem três pontos-chave, sem os quais seria impossível entendê-la, são eles: a liberdade, a vontade como ação desinteressada e a universalidade das ações. O primeiro dos pontos apontados pelo autor é a liberdade, e este é o mais importante, na medida em que distingue a ética moderna das suas antecessoras. De onde partem a força e as regras que regem uma ação? Não seriam mais conforme as leis da natureza, nem de Deus, a ética kantiana estava centrada na ideia de um sujeito autônomo.

Essa ideia abre caminho para as duas outras partes da sua noção de ética, a vontade desinteressada e a universalidade. A vontade desinteressada é o que constituiria um ser cujas ações poderiam ser adjetivadas como boas:

A boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão somente pelo querer, isto é em si mesma, e, considerada em si mesma, deve ser avaliada em grau muito mais alto do que tudo o que por seu intermédio possa ser alcançado. (KANT, 2007, p. 23)

Conforme é possível perceber, a vontade do sujeito só pode ser considerada boa se for algo puro sem interesses ou finalidades. Aquilo que o homem fazia pensando em agir conforme a natureza ou pela vontade de Deus não pode ser visto como bom, pois não há autonomia, logo, também não há bondade no seu gesto.

Partindo para o último ponto, a universalidade das ações é outro norte dessa ética, haja vista que a liberdade de um sujeito autônomo em suas decisões e a vontade desinteressada só poderão ser consideradas morais se o que for feito com isto fizer bem a todos, não apenas ao sujeito que a realiza.

Outro ponto conceitual que alicerça o artigo é a ideia do desejo. Freud, em *Além do princípio*

do prazer, discute como o funcionam os mecanismos psíquicos impulsionadores das ações geradoras de prazer:

Na teoria psicanalítica, não hesitamos em supor que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer; isto é, acreditamos que ele é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e toma uma direção tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão, ou seja, com uma evitação do desprazer ou geração do prazer. (FREUD, 2020, p. 59)

Para Freud, o ser humano não age buscando o prazer constantemente, mas sim de maneira que a balança das sensações vitais esteja em homeostase, ou seja, à medida em que somos colocados em exposição a situações cujos efeitos gerem certo desprazer, os impulsos psíquicos convergem para uma redução desse efeito, fazendo com que se realize ações que gerem prazer, deixando o ser em equilíbrio. Neste artigo trabalhamos com a ideia do desejo, o qual entendemos, partindo das ideias de Freud sobre o prazer humano, como uma tensão cujo intuito é satisfazer um impulso, proporcionando boas sensações ao ser.

Voltando à discussão para a obra estudada, percebemos que *Por enquanto...outra estação* permite problematizar uma desilusão com os processos sociais, tirando o véu dourado das condutas de comportamento. O velho, protagonista da obra, é um homem que, embora não conheçamos muito bem sua juventude, sabemos dos embates que trava desde cedo para sobreviver num mundo cujos valores não o encorajam a viver plenamente, ele é um homem *gay* cuja felicidade não poderia ser completa com a vida que levava, seus momentos de encontro de gozo são longe da família, como é apresentado no trecho: “de que se sentiria envergonhado? Ele saía de casa em busca de uma aventura com um dos homens que mais o deixou à vontade para viver o seu desejo” (PÁDUA, 2014, p. 104). Este pequeno fragmento demonstra apenas um momento de fuga do velho do seu casamento, mas ele torna-se simbólico e significativo por dois pontos, o primeiro deles é a pergunta inicial, por que o velho se sentiria envergonhado? Ora, ele é um pai de família tem uma das posições sociais, conforme a tradição patriarcal, mais importantes para preservar e, além do adultério, há a homossexualidade não socialmente aceita, então seria uma vergonha dupla. Contudo ele foi e, nesse momento, adentramos no segundo ponto: o destaque do narrador ao relatar que ele foi viver o seu desejo. Em uma leitura desatenta, isto pode parecer óbvio, no entanto, ele não foi apenas realizar uma transa, não foi um momento de diversão, as escolhas linguísticas confluem para pensarmos em uma necessidade vital cuja finalidade seria a plenitude, pois ele vai viver, de que maneira? através da experiência com o seu desejo.

Percebemos que há um sujeito autônomo em suas decisões, afinal, o que, além do desejo, motivou o velho na busca de viver aquele momento? Isto corrobora com a liberdade em Kant, trazendo a discussão sobre conceito de esclarecimento:

O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. (KANT, 1784, p. 1)

A menoridade descrita pelo autor é a dependência de crenças ou seres exteriores à razão e à vontade para a realização das ações. Logo, um sujeito esclarecido é aquele cujas decisões são tomadas pelo seu discernimento. Nesse sentido, é evidente que há liberdade e a noção de esclarecimento presente em suas decisões, na medida em que não há uma preocupação exterior – o que os outros poderiam pensar, levando em consideração seu status social e sexualidade – nas suas condutas, ele faz uso do entendimento e das próprias noções de certo e errado para viver.

Até aqui constatou-se que há uma ideia de autonomia diante dos comportamentos do velho, mas até que ponto essa autonomia não se torna uma mera reação instintiva e compulsória? É aqui que adentramos na ideia da desilusão como um dos passos fundamentais para entender como o velho cria sua lei da vida, sua ética. Ao encontrar o grande amor da sua vida, Moisés, discute com ele sobre a situação que estavam vivendo em um relacionamento secreto e homossexual, condutas condenadas pelas instituições moduladoras das condutas dos homens. Então o velho diz:

- Ah, Moisés, deixa de conversa fiada, tá, não suporto esse tipo de verdade. De fato, acho que detesto; melhor odeio essa situação de colocar crença no lugar das coisas que nos são sagradas. Ora, pra que quero crença se não posso viver o meu corpo, se não posso expandir minha pele, se tenho de me diminuir em pessoa e em desejo? Não sei como você aguenta. [...] não vim aqui saber de Deus nem de satanás. Vim por você. (PÁDUA, 2014, p. 112)

A composição linguística no início do trecho já demonstra as ideias que delineiam esse discurso: *odeio essa situação de colocar a crença no lugar das coisas que nos são sagradas*. A crença seria acreditar na figura paternal, um deus que pune os pecadores e leva ao paraíso os que seguem seus mandamentos. Isso, porém, não parece amedrontar o velho, pois, para ele, essa cosmovisão nada mais é do que algo limitador da vida. Portanto, há um processo de desilusão com o que entendemos tradicionalmente com o sagrado. O velho deixa claro que nada é mais importante do que viver seu corpo. Afinal, qual o espaço do divino no corpo de um sujeito que parece ter em si a própria deidade?

Essa desilusão não ocorre apenas com o sagrado. Ao encontrar-se na velhice, já doente, o narrador nos coloca diante das consequências de uma vida carnal, sem perspectivas de valores ou beleza em algo além dos desejos: "Talvez a única lembrança que o movia à vida fosse o imperativo de morte que lhe sondava [...] tinha vontade de gritar que era adepto da eutanásia, que podiam pô-lo para dormir eternamente que seria bastante grato ao benfeitor." (PÁDUA,

2014, p 86). A angústia por causa da doença e a impossibilidade de viver sua carne faziam com que o velho não enxergasse mais sentido na vida que levava. Era, nesse momento, fala muda, matéria inanimada, um corpo sem alma. Essa desilusão se estendia para seu filho Dalton, que não via sentido na lógica invertida da existência que os cercava, mantendo vivo um morto, e mantendo lentamente um vivo. "Dalton morria, a seu modo. Não havia pensão nem sentimento cristão que pagasse o sacrifício feito, a vida até então desperdiçada" (PÁDUA, 2014, p 136). Cuidar do velho não era uma tarefa fácil. Dalton teve que renunciar toda a juventude, levando-o a posicionar-se nos mesmos caminhos do pai, desiludido, renunciando valores sagrados: "Não havia mistério: a vida de ambos estava fadada ao silêncio, às não alegrias, aos não sorrisos, às não companhias" (PÁDUA, 2014, p 13). A solidão definhava Dalton em suas crenças e sua vida.

As estruturas sociais são um elemento crucial para essa desilusão e, entender como elas funcionam, é, também, um ponto-chave para um reencantamento desses sujeitos. Estamos falando de uma masculinidade que, através do desencanto, pode se permitir outras formas de viver e, enfim, decidir-se pela autonomia, ou seja, haveria uma dimensão ética a partir dessa desilusão com o modelo tradicional de vida para o homem.

A partir do momento em que a moral e a ética exigidas para o comportamento dos homens, entre os séculos XIX e XX, deixou, em partes, de existir, o homem perdeu sua bússola, ou seja, o golpe atingiu a espinha dorsal, pois não existiam mais valores para manter as sociedades nos trilhos patriarcais. Esse homem seguidor de regras perdeu-se diante de um mundo cujo controle não estava apenas em suas mãos. (MELO, 2019, p. 14)

Mesmo com essa guinada nos rumos da sociedade, os sujeitos, devido a séculos de tradição, ainda não sabem lidar com homens diferentes do padrão do que Nolasco (1997) reconhece como homem de verdade. Assim, ao nos depararmos com um sujeito como o velho, que consegue entender as estruturas e sobreviver rasurando-as, notamos a racionalidade, tão prezada por Kant, não como uma forma de tolher os desejos, como acontecia conforme (MELO, 2019), mas para dar vazão a eles, isto, porém, só é possível com o desenlace da ordem patriarcal.

reencanto

Parece contraditória e paradoxal a ideia de que a racionalidade ao invés de tolher os desejos, ajude o velho a entregar-se a eles, embora essa ideia seja plausível a partir da leitura do romance. Por mais que Kant não toque nesses termos, a sociedade é patriarcal e a lógica desse sistema, pelo menos em tese, é o movimento anti-instintivo para o homem, fazendo-o prezar pelas aparências e não para o seu interior, constatação reforçada por psicanalistas como Cuschnir, Mardegan Jr. (2001) e Nolasco (1997).

Ao entender como essas estruturas funcionam, o velho inicia um movimento usando da racionalidade para rasurar as ideias comportamentais que, em outros tempos, seriam racionais

e aceitáveis para os homens, como a negação de afetos, desejos e sexualidade não hétero. Esses aspectos são frutos de séculos de condicionamento social, começando com os gregos que foram construindo uma sociedade androcêntrica, conforme Sartre (2013), passando pelos romanos e bárbaros que atribuíram códigos como a castidade, bravura e um mau olhar para a relação sexual entre homens, segundo Thuillier (2013) e Dumézil (2013), até a modernidade, na qual os homens ganharam novas demandas como, sobretudo, o controle de si, de acordo com Vigarello (2013). Essa pequena viagem pela história da construção das masculinidades nos mostra que os códigos de condutas masculinos mudam de acordo com cada época, no caso do velho, com a evolução dos estudos de gênero, declínio do patriarcado e enfraquecimento da força da Igreja permitem que ele consiga sair do sistema, olhar ele de outro ângulo e perceber que, na verdade, não há racionalidade em negar suas vontades.

Isso nos leva ao princípio da realidade freudiano. O prazer, para o psicanalista, não é o que norteia totalmente os processos psíquicos, o que acontece na mente humana é uma forte tendência ao prazer, a qual sofre coerção de determinadas forças como o que ele chama de princípio da realidade:

Por influência dos instintos de autoconservação do Eu é substituído pelo princípio da realidade, que, sem abandonar a intenção de obter afinal o prazer, exige e consegue o adiamento da satisfação, a renúncia a várias possibilidades desta e a temporária aceitação do desprazer, num longo rodeio para chegar ao prazer. Por muito tempo o princípio do prazer continua como o modo de funcionamento dos instintos sexuais, que são difíceis de "educar", e volta e meia sucede que, a partir desses instintos ou no próprio Eu, ele sobrepuja o princípio da realidade, em detrimento de todo o organismo. (FREUD, 2020, p. 67)

O prazer é, em certa medida, deixado de lado, para que se preserve a integridade física e social do sujeito, tendo em vista que cada sociedade tem suas regras e determinados comportamentos para suprir certos desejos não são aceitos. No entanto, Freud deixa uma ressalva com relação aos instintos sexuais, os quais são mais difíceis de controlar. Enquanto instintos para outros desejos são adiados e a sensação de desprazer é suportada por um momento, os instintos sexuais são potentes e, muitas vezes, se sobrepõem ao princípio da realidade, ou seja, no quesito sexual, normas e regras são quebradas em nome do prazer.

O princípio da realidade nas condutas do velho é deslocado, mas não apenas pelos impulsos sexuais, mas sim por um entendimento desse princípio de realidade que cerceia seus desejos. Conforme afirmamos anteriormente, a sociedade androcêntrica prevê para o homem um conjunto de condutas e regras a serem seguidas, tornando-se algo naturalizado pela maneira silenciosa com a qual é levada aos sujeitos, de acordo com Bourdieu (2014). Nesse sentido, o velho parece entender como essas convenções colocadas como verdades funcionam e faz disso um impulsionador para apreciar um novo modo vida, deixando de lado essa realidade coercitiva e deixando-se levar pela liberdade do prazer.

Essas noções apresentadas na obra comungam em certo sentido com as ideias apontadas por Lacan (1998) em *Kant com Sade* o qual aponta que Sade seria a verdade de Kant, ou seja, a proposta de Sade em fundar uma sociedade cujo imperativo do gozo regesse a sociedade é aquilo que falta na teoria kantista. Silva (2015), debatendo o escrito lacaniano sobre a relação entre *Kant e Sade*, diz que “é neste sentido que se sustenta a hipótese de que o propósito de Sade não muito se distancia do de Kant: constituir a liberdade como fundamento de definição e determinação da vontade, por conseguinte, das escolhas morais.” (p. 181), O romance *Por enquanto... outra estação*, então, permitiria pensar na perspectiva da construção do desejo como fundamento da determinação das ações. Em *Sade*, segundo o Silva (2015), isto é realizado na colocação dos vícios como virtudes e em Pádua (2014) não há troca, apenas um desvelamento do que são essas virtudes e que elas, na verdade, são convenções. Em ambos as ideias de vontade desinteressada e universalidade não se sustentam, são ligados pela liberdade e autonomia.

Lacan, mostrando a lacuna de um objeto sensível norteador das vontades, aponta para o imperativo do gozo como aquilo que falta a Kant:

Retenhamos o paradoxo de que é no momento em que o sujeito já não tem diante de si objeto algum que ele encontra uma lei, a qual não tem outro fenômeno senão alguma coisa já significativa, que é obtida de uma voz na consciência e que, ao se articular nela como máxima, propõe ali a ordem de uma razão puramente prática, ou vontade. [...] Digamos que a eficácia do libelo é dada na máxima que propõe ao gozo sua regra, insólita ao se dar o direito, à maneira de Kant, de se afirmar como regra universal. Enunciemos a máxima: ‘Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar.’ (LACAN, 1998, p. 778;780)

Na falta de um norte palpável empírica ou sensivelmente, o imperativo do gozo parece ser uma forma de nortear essa vontade. Contudo, em *Sade*, fica evidente a inversão de valores, ele propõe não o “bem”, mas sim o “mal”, mas a ausência do objeto determinante das vontades em Kant, faz com que a proposta de *Sade* pareça ser, embora invertida, no que concerne aos valores, bem colocada, pois torna o gozo um direito universal.

Em *Por enquanto... outra estação*, não há essa inversão, pelo contrário, o que seriam os vícios (desejos) se transformam em virtudes, através do uso da racionalidade para entender os mecanismos sociais que regem essas virtudes, este parece ser o ponto que desconecta *Sade* e Pádua, pois, conforme Lacan (1998) o intuito do romance sadista é ensaiar sobre uma sociedade cujo gozo fosse um direito sobre o outro, criando uma ética para o gozo, gerando leis e normas para a vivência dos vícios, enquanto o romance de Antonio de Pádua enxerga as lacunas deixadas pelos mecanismos norteadores da virtude e vê nos desejos, não apenas no sexo, mas no lado afetivo também, uma nova forma de viver, despindo os tradicionalismo impostos pela sociedade, mas não pretende tornar esta uma tendência imperativa aos sujeitos

que seguem as normas sem que exista, de fato, um objeto que os mantenha nelas.

A noção de desilusão que estamos trabalhando permeia cada fragmento narrativo da obra, mas um dos mais evidentes é após o sequestro ocorrido no IX capítulo, no qual o velho e o sequestrador tiveram um enlace sexual. Ao chegar em casa, depara-se com a mulher deitada e observa a imagem do Sagrado coração de Jesus, tecendo sua filosofia:

Os olhos da Mãe e do Filho pareciam penalizar o velho: grudaram o olhar de tal forma que era impossível deles se desligar. Acusadores, punitivos. Ao mesmo tempo presos àquela parede, presos a uma vida que não fluía. Intactos na inércia daquela parede sem vida, sem cor, vermelha sem sangue, olhos sem visão, corações abertos, rodeados de espinhos: escravos do não desejo, da não fome, do não lugar, da não família, do não homem, do deus apenas, retratos perfeitos da negação de tudo. Encontrar neles modelos, impossível [...] Suportaria, quem sabe, o inferno, mas não seria acusado, nunca, de pertencer àquela horda que sacrificava tudo o que para o humano seria motivo de ser e de estar vivo: a vida como ela é. [...] sentia-se mais deus e vivo do que tudo o que a religião até ali havia apregoado. Momentos de tensão e tesão como aquele que acabara de ter, acreditava que não era privilégio de muitos e que jamais seriam reproduzidos. (PÁDUA, 2014, p. 37)

Após o momento de fuga e prazer, o velho retorna para casa, mas lá estava o que sempre o manteve preso àquela vida na qual não se encaixava. A mulher na cama e a imagem do sacrifício representada através de Jesus e Maria, ambos com corações abertos na parede, com olhos punitivos. Com um narrador onisciente e a consciência, de certa forma, pesada do velho, a imagem ganha vida através das expressões e termos usados para descrevê-la: presos, escravos, não fome, não desejo, vida inerte, a cor morta da expressão vermelho sem sangue. Há, então, a criação de um campo semântico girando em torno de um significante cuja maior característica é de algo sem vida. Esse cenário criado pelo narrador revela um protagonista passando por um processo de entendimento dos mecanismos de tolhimento das vontades e disciplinarização dos indivíduos em função de um discurso religioso punitivo para os que rasuram suas fronteiras. Contudo, em momento algum ele era descrente com relação à existência do divino, apenas não concordava com o *modus operandi* de uma vida cristã. O desejo, a partir disso, aparece como o novo guia de sua vida, atribuindo a si a própria condição divina, possibilitada pelo viver sua carne.

Embora a contemporaneidade não seja considerada uma época na qual a Igreja tenha pleno domínio e o patriarcado já tenha perdido a força, foram milênios de imposição e construção de um imaginário cuja figura central é o homem. A sociedade atual ainda não aceita em sua totalidade comportamentos masculinistas diferentes dos padrões tradicionais, teoria reforçada Nolasco (1997), Cuschnir, Mardegan Jr. (2001) e Melo (2019). O velho, porém, no trecho supracitado demonstra não um uso impulsivo das suas faculdades mentais para proferir o discurso, mas sim racionalidade. Ele entende todos esses mecanismos e decide desprender-se deles, constituindo um novo modo de pensar a felicidade racionalmente. Ora, em nome do

que ele iria negar-se enquanto sujeito que se sente o próprio deus de sua vida? Então, "seria esse o sentido de 'Resposta à pergunta: que é Esclarecimento?'; quando, ao vislumbrar que o esclarecimento se faz em liberdade, põe como tarefa demover de importância a última tutela, a religiosa". (SILVA, 2017, 182). O velho rompe com a última tutela que coíbe um sujeito autônomo, a religiosa, que articula seu discurso através da doutrinação e do medo com a promessa de que seus burladores terão reservados para si o inferno.

Segundo Foucault (2014, p. 41), "a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ele serve em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar os indivíduos e entre si e diferenciá-los". A Igreja sempre foi detentora de um dos discursos mais coercitivos da história, o velho, com esse movimento de rasura dessa doutrina, possibilita que seus comportamentos criem uma nova vertente de uma ética do sujeito, na medida em que, como o filósofo francês diz, ele se diferencia de todos os outros, usando da razão para borrar os limites do discurso da instituição católica para o homem.

O distanciamento com as ideias de Kant surge no momento em que essa ética se destina aos desejos, pois, para ele, "quanto mais uma razão cultivada se consagra ao gozo da vida e da felicidade, tanto mais o homem se afasta do verdadeiro contentamento." (Kant, 2007, p. 24). Para o filósofo, só existe felicidade quando se negam os impulsos. Sua ética funciona de uma maneira antirromântica, na qual há um embate entre vontade racional e impulsos e afetos, e o vencedor que busca a verdadeira felicidade deve desligar-se do que não seja ligado à razão. Dessa forma, pode-se depreender que a razão e a felicidade não podem se apoiar em sentimentos ou na natureza, pois são bases sobre as quais o sujeito não tem controle, senão de si.

A ética alicerçada no desejo tem o mesmo caráter antirromântico, mas não pela ideia da negação dos impulsos e afetos. O antirromantismo aparece no despir das virtudes tão idealizadas desde a antiguidade, a racionalidade não é utilizada para separar os desejos das ações. Não há embate entre essas duas forças na obra, a relação é simbiótica, haja vista que confluem para o estabelecimento de uma nova ética através do rompimento com a tutela criada pelos mecanismos sociais e religiosas.

A quebra dessa tutela pode ser pensada a partir de Butler (2017). O velho reflete sobre sua experiência, toma a voz e começa a falar de si, rompendo com alguns paradigmas impostos pelas tradições. A autora, falando sobre Foucault, diz que,

Se novos modos de subjetividade tornam-se possíveis, isso não resulta do fato de que existem indivíduos com capacidades especialmente criativas. Tais modos de subjetividade são produzidos quando as condições limitadoras pelas quais somos feitos provam-se maleáveis e replicáveis. (BUTLER, 2017, p. 134)

Para a filósofa, um novo modo de subjetivação não parte do sujeito, parte de um enfraquecimento das condições limitadoras que o cingem. Ou seja, seria impossível pensar um sujeito totalmente autônomo de uma tutela social. Contudo, o velho, embora situe-se numa sociedade contemporânea cujos valores tradicionais estão enfraquecidos, ainda sofre a tutela social do pai de família, do marido, do homem de família católica. Pensando nisso, há uma certa rasura com a ideia de Butler, afinal, a tutela social ainda permanecia vigente, portanto é possível pensar em uma certa criatividade e lucidez do sujeito diante das amarras sociais. No entanto, é impossível negar que houve um enfraquecimento dos discursos do patriarcado, por consequência, das suas condições limitadoras de vida.

Seria ingenuidade não imaginar que existe a tutela social. Embora Kant não a discuta, autores como Butler e Foucault problematizam essa coerção das instituições. Em outro momento, Butler (2017) diz que "é importante reconhecer que a ética requer que nos arrisquemos precisamente nos momentos de desconhecimento" (p. 136). O velho, ao se ver desiludido, deslocado, arrisca-se, constituindo um novo modo de ser e estar no mundo. O que ele conhecia como certo ou como moral não o leva à felicidade, é nesse momento em que a ética é construída: "quando aquilo que nos forma diverge do que está diante de nós, quando nossa disposição para nos desfazer em relação aos outros constitui nossa chance de nos tornarmos humanos." (BUTLER, 2017, p. 137), o velho era uma máquina, corpo sem desejo, e alma sem afeto dentro de casa, quase inumano. No entanto, ao assumir-se como sujeito autônomo, se desprende da tutela social que vigia homens e mulheres ditando os modos de ser. Assume-se, a partir disso, como sujeito criativo, tornando plausível a ideia de uma ética pautada nos desejos, reencantando-se com essa nova perspectiva de vida, pois "Se eu quero, é! Se estou falando de mim, inventando minha vida, construindo um lugar de felicidade para mim e se os meus atos nada ferem ao outro, posso [...] viver ao meu modo." (PÁDUA, 2014, p. 152)

considerações finais

Por enquanto... outra estação é uma obra vasta, as veredas temáticas são diversas. Neste artigo, buscamos discutir os modos pelos quais seria possível pensar uma ética através do desejo, entendendo como ela se constituía a partir dos processos de desilusão com o mundo e reencanto. O velho se via deslocado, desiludido com uma vida de aparências e sacrifícios em nome da religião e dos condicionamentos sociais. Com isso, ele procura novos meios para sobreviver, descobrindo, através de processos racionais, as lacunas desses mecanismos de regras sociais e morais, assumindo um novo modo de ser e estar no mundo, reencantando-se com a vida e encontrando felicidade.

Através das discussões levantadas, pode-se pensar uma ética do desejo que se constitui de um caráter autônomo, pois as influências exteriores ao ser não exercem coerção. Por mais que

haja uma permissão da macrosociedade na contemporaneidade, é inegável o caráter criativo, nos termos de Butler (2017) ou autônomo, nos termos kantianos. É uma ética racional, haja vista que, para entender como os mecanismos sociais e religiosos funcionam, a razão se faz necessária, deixando de lado o que Freud chama de princípio de realidade e voltando-se ao prazer. Além disso, ela nasce do processo de desilusão da vida virtuosa que deveria levar um homem casado. E, por fim, sua diferença com relação a Kant está no rompimento com universalidade das ações, deixando de lado a máxima do agir como se a ação fizesse bem a todos.

referências

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BONNICI, Thomas. O pós-modernismo. In.: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Osana. (orgs.). **Teoria literária: abordagens histórias e tendências contemporâneas**. Maringá, Eduem, 2005, p. 253-264.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. ed. 12. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CUSCHNIR, Luiz; MARDEGAN JR, Elyseu. **Homens e suas máscaras: a revolução silenciosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.
- DUMÉZIL, Bruno. O universo Bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. In: VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 125-152.
- FERRY, Luc, "Crítica da razão prática". In. _____. **Kant: uma leitura das três "críticas"**. Tradução Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 74-130.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. ed. 24. São Paulo: Loyola, 2014.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: 2007.
- _____. **O que é esclarecimento**. Prússia. 1784. Disponível em: <<https://www.airtonjo.com/download/Kant-Esclarecimento.pdf>>. Acesso em: 03, dez. de 2020.
- LACAN, Jacques. Kant e Sad. In.: _____. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MELO, Itamar Mateus Muniz de. **Homens na literatura brasileira**: masculinidades ora negadas ora incorporadas. 2019. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**: uma contribuição crítica à análise de gênero. In:____(org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 15-29.

PÁDUA, Antonio de. **Por enquanto... Outra Estação**. São Paulo: Scortecci, 2014.

SARTRE, Maurice. Virilidades Gregas. In: VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 17-70.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Representações do masculino no imaginário do cordel. **Revista Investigações**: Linguística e teoria literária. Recife, v. 19, n. 1, p. 9-34, 2007.

SILVA, Reginaldo Oliveira. "A ética de Kant entre diacronia e sincronia na história da moral". In. NOGUEIRA, Simone Marinho; SILVA, Reginaldo Oliveira. **Pequenos ensaios sobre grandes filósofos**. Campina Grande: Eduepb, 2017.

SILVA, Reginaldo Oliveira. Kant e Sade na alcova: sobre os paradoxos da ética moderna. **Princípios**: Revista de Filosofia (UFRN), v. 21, n. 36, p. p. 177-198, 17 jun. 2015.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. In: VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 71-124.

VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In:____. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 17-50.